

Plinio Montagna

ALMA
MIGRANTE

•

Blucher

ALMA MIGRANTE

Plinio Montagna

Série Escrita Psicanalítica

Coordenação: Marina Massi

Alma migrante
Série Escrita Psicanalítica
© 2019 Plínio Montagna
Editora Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher
Editor Eduardo Blücher
Coordenação editorial Bonie Santos
Produção editorial Isabel Silva, Luana Negraes, Mariana Correia Santos,
Milena Varallo
Preparação de texto Ana Maria Fiorini
Diagramação Negrito Produção Editorial
Revisão de texto Andréa Stahel
Capa Leandro Cunha
Fotografia da capa Hikke de Almeida
Paleta de cor da capa Helena Lacreta

Blucher

Rua Pedrosa Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 55 11 3078-5366
contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme
5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua
Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras,
março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por
quaisquer meios sem autorização escrita da
editora.

Todos os direitos reservados
pela Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Montagna, Plínio Luiz Kouznetz
Alma migrante / Plínio Montagna. – São Paulo :
Blucher, 2019.
398 p. (Série Escrita Psicanalítica / coordenação
de Marina Massi)

Bibliografia
ISBN 978-85-212-1481-6 (impresso)
ISBN 978-85-212-1482-3 (e-book)

1. Psicanálise I. Título. II. Massi, Marina. III.
Série.

19-0811

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:
1. Psicanálise

Sobre a Série Escrita Psicanalítica

O projeto de uma série com livros de autores da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) é fruto da pesquisa de doutorado *Trinta anos de história da Revista Brasileira de Psicanálise: um recorte paulista*. Nessa tese, abordei os artigos publicados na revista, de 1967 a 1996, por psicanalistas da SBPSP.

Entre os vários aspectos que pude observar, destacou-se a necessidade de organizar a produção psicanalítica dessa instituição, de seus primórdios aos dias de hoje, divulgada em revistas especializadas, atividades científicas ou aulas ministradas nos institutos de formação, influenciando várias gerações de profissionais ligados à Associação Psicanalítica Internacional (IPA).

A Série Escrita Psicanalítica tem justamente a ambiciosa proposta de reunir, organizar, registrar, publicar, divulgar e consolidar a produção dos pioneiros e das gerações posteriores da SBPSP. Busca também retratar, para a própria instituição, o que nela foi criado de importante desde a sua fundação. Conta, assim, a história da SBPSP pelo veio da produção e da criação psicanalítica.

Esta série lança um olhar para o passado, pois organiza o que de melhor já foi feito, e um olhar para o futuro, pois transmite a fortuna da SBPSP não só como memória, mas como um importante material de estudo para os diferentes institutos de formação psicanalítica e cursos de pós-graduação no Brasil, além de para o público interessado.

Esta é uma oportunidade de promover uma leitura da história das ideias psicanalíticas – uma leitura crítica, comparada – e, ao mesmo tempo, permitir que os psicanalistas aqui apresentados sejam considerados enquanto autores, produtores de ideias e teorias; é uma oportunidade de sair do campo transferencial institucional e passar ao campo das ideias, da reflexão e do debate para além da pessoa do psicanalista.

A ciência e a arte necessitam de organização (ou curadoria) da contribuição que o ser humano foi e é capaz de realizar. Espero que esta série cumpra o objetivo de ser a história das ideias de muitos colegas brasileiros no âmbito da IPA, alguns infelizmente não estão mais entre nós, outros ainda estão em plena produção.

Marina Massi

Coordenadora da Série Escrita Psicanalítica

Sumário

| | |
|--|------------|
| Prefácio | 13 |
| Parte I. Reflexões | 19 |
| Psicanálise e o conceito de resiliência | 21 |
| O rapto das metáforas | 47 |
| Sintaxe do tempo nos tempos de hoje | 65 |
| Sobre a dor de amar | 83 |
| Finitude e transitoriedade | 99 |
| Parte II. Clínica | 119 |
| Tropismos na clínica: tropismo de vida e tropismo de morte | 121 |
| Afeto, somatização e simbolização | 141 |
| Skype análise | 161 |
| Interação psicanalítica com paciente terminal | 185 |

| | |
|---|-----|
| Psicossoma na prática analítica | 203 |
| Níveis de mutualidade | 227 |
| Parte III. Interfaces | 249 |
| Alma migrante | 251 |
| Subjetivação contemporânea na metrópole | 267 |
| (Multi)parentalidade e subjetivação | 293 |
| Sobre história e construção da subjetividade | 315 |
| Sobre instituições, inclusive as nossas | 335 |
| O visível e o invisível nas tramas da cidade | 359 |
| | |
| Posfácio – <i>Alma migrante</i> : um poliedro de inteligibilidade | 371 |
| | |
| Índice de nomes | 377 |
| Índice de conceitos | 383 |

Psicanálise e o conceito de resiliência

The forces of fate that bear down on man and threaten to break him also have the capacity to ennoble him.

Frankl, 1984/1963

I

O termo resiliência originou-se na física, campo ao qual esteve confinado até sua apropriação pelas ciências sociais, que o metaforizou e o estendeu a outras áreas do saber. Hoje ocupa um lugar em campos como ecologia, biologia, agronomia, organizações etc. Para a física, resiliência é a capacidade de um material de voltar a seu estado normal após ter sofrido tensão. A borracha é um material resiliente por excelência. O cientista inglês Thomas Young foi pioneiro em seu estudo, ao pesquisar, em 1807, a relação entre tensão e deformação de barras metálicas (Timoshebo, 1983).

Aplicada à engenharia, resiliência refere-se à energia de deformação máxima que um material é capaz de sofrer, numa determinada solitação, voltando ao estado anterior sem deformidades

permanentes (Silva Jr., 1972). Por outro lado, já em 1893 o *Oxford Dictionnaire* de inglês trazia o termo também em sentido figurado (*the resilience and elasticity of spirit that I had even ten years ago...*).

Freud apontou *plasticidade mental* e elasticidade como elementos relacionados à higidez do funcionamento mental. Ainda que o termo resiliência não estivesse contido em seu universo, o universo da resiliência esteve no horizonte da psicanálise desde o início.

Ele utilizou outros termos oriundos da física (como impulso, resistência e o modelo hidráulico de funcionamento mental) e de outros campos. Por exemplo, seu vocabulário sobre o superego traz a marca do direito (Montagna, 2015). Mas o termo resiliência não está em sua obra.

Em “Análise terminável e interminável”, ele se refere aos casos em que nos deparamos com uma certa *inércia psíquica*, um *esgotamento da plasticidade, da capacidade de modificação e de desenvolvimento ulterior*, incluindo aí as pessoas muito idosas. Para essas, acrescenta, “os processos mentais e distribuição de forças são imutáveis, fixos e rígidos” (Freud, 1937/1975b, p. 258).

A área da saúde apropriou-se do termo, de início relacionando-o à não vulnerabilidade e ao enfrentamento de situações traumáticas e experiências de risco, como abandono, violência sexual, morte ou doença mental dos pais, guerras etc. O impacto de um trauma psicológico pode seguir diversas vias psicopatológicas: *retirada fóbica das situações da vida diária, ruminações masoquistas e vitimização, raiva crônica, desejo de vingança, flashbacks, pesadelos e outros sinais de estresse pós-traumático. Mas quando a resposta é resiliente, resulta em crescimento mental* (Aktor, 2013). Está em jogo intensidade e natureza do impacto *versus* força do ego e mecanismos defensivos utilizados.

Posteriormente, privilegiou-se, em vez da vulnerabilidade, a pesquisa de fatores de proteção que auxiliam na recuperação da higidez e na existência de crescimento após a experiência, ainda que o indivíduo tenha sido efetivamente afetado pelas situações traumatizantes. Trata-se de recuperar um estado de higidez, mas também de crescer com base na situação.

Mais adiante, o uso do termo ampliou-se, e além das situações traumáticas abarca de modo geral as adversidades da vida.¹ Com sentido mais amplo, então, *resiliência* passou a denotar a capacidade do organismo de lidar satisfatoriamente com os desafios que encontra em função de adversidades ou ataques. Implica enfrentamento e superação, está a favor da preservação da vida ou mesmo da espécie.

Quando as pesquisas se deslocaram da invulnerabilidade para o estudo de fatores individuais ou psicossociais favorecedores de resposta resiliente, autores como Cyrulnik (2002), considerado o pai da resiliência, compreenderam-na como um *processo*, de construção dinâmica e permanente. Ele propôs que para sua vigência é necessária a existência do que ele denomina de *tutor de resiliência*.

Cyrulnik observa “resiliência como um processo, um conjunto de fenômenos harmonizados dentro de um contexto afetivo, social e cultural”. E: “a resiliência é a arte de navegar nas torrentes...” (Cyrulnik, 2002). O processo psicanalítico propicia a resiliência, conforme propusemos em trabalho de nosso grupo de estudos apresentado ao Congresso da International Psychoanalytical

1 O *Dicionário Houaiss* nos traz: “Resiliência, s.f. – 1. Fis. – propriedade que alguns corpos apresentam de retornar à forma original após serem submetidos a uma deformação elástica. 2. Fig. – capacidade de se recobrar facilmente ou se adaptar à má sorte ou às mudanças. ETIM. Resilience – elasticidade, capacidade rápida de recuperação”.

Association de 2005 (Montagna, 2005). O caráter processual da resiliência e da psicanálise se entrecruzam.

Yates, Egeland e Sroufe (2003) também veem a resiliência como um processo contínuo de acumulação de recursos que permitem ao indivíduo negociar problemas atuais de modo adaptativo e que oferece uma base para ele se recuperar.

Numa pesquisa de 1982, no Havaí, Werner e Smith acompanharam 505 indivíduos por 32 anos, desde seu período pré-natal, tentando identificar no grupo, cujos membros viviam em condições adversas (pobreza etc.), aqueles que se adaptavam positivamente e quais fatores influenciariam essa resposta. As autoras observaram que nos casos exitosos *sempre houve o apoio incondicional de alguma figura significativa com influência importante em suas vidas*.

A resiliência trouxe à literatura médica o *foco na saúde*, alterando o modelo tradicional centrado na patologia. A perspectiva passou a ser a da superação de traumas e da observação dos recursos, potenciais ou atuais, que favorecem tal superação.

Assim, passaram-se a identificar os recursos, inatos ou desenvolvidos na relação com o ambiente, favorecedores da saúde como bem-estar biopsicossocial, nos moldes da Organização Mundial da Saúde. Não basta a ausência de doença e se refere a um estado dinâmico.

Isso se coaduna com a psicanálise, cujos processos teóricos e técnicos têm como alvo, desde sempre, o crescimento e o desenvolvimento humano, não se limitando ao trabalho com o patológico. Capacidade sublimatória, utilização de mecanismos de defesa saudáveis, fortalecimento do ego, capacidade de mentalização, de simbolização, ampliação da capacidade de pensar, são perspectivas teleológicas do ato analítico. A maturação de

potenciais do indivíduo num processo psicanalítico está sempre no horizonte. Ou seja, a resiliência se acha presente, sob outra ótica, no núcleo do pensamento psicanalítico, cujo modelo se refere ao mundo intrapsíquico.

Alguns psicanalistas criticavam os trabalhos iniciais de resiliência por privilegiarem o *comportamento* e elementos exteriores ao psiquismo, não os intrapsíquicos (Cyrulnik, 2006). Outra crítica era a ideologia adaptativa de alguns trabalhos.

Em 1993, um psicanalista de Boston, George Vaillant, correlacionou a maturidade dos *mecanismos de defesa* utilizados por um indivíduo ao sucesso do desenvolvimento de um adulto. Entra em cena a perspectiva intrapsíquica. Vaillant aborda como o intrapsíquico pode influenciar a possibilidade de utilizar o meio externo e descreve quatro processos: a habilidade de internalizar o apoio social recebido anteriormente; a maturidade social representada pela capacidade de considerar a relatividade das situações; a adoção de um ponto de vista histórico e a tolerância ao paradoxo; e a esperança de que se encontrará amor no futuro.

Em sua tese de doutoramento na Califórnia, Jennifer Guittard (1996) explorou a resiliência e a pseudoresiliência, demonstrando que “comportamentos resilientes têm suas contrapartidas intrapsíquicas” diferentes dos falsamente resilientes. Os dois conceitos (resiliência e pseudoresiliência) se aplicam a pessoas que “se comportam de maneira competente” apesar de terem vivenciado situações traumáticas, mas na verdadeira resiliência o funcionamento psíquico revela flexibilidade, integração e maturidade, enquanto a falsa se associa à organização rígida da personalidade.

A autora destaca como características dos resilientes:

- habilidade de entreter relações íntimas sexuais e sociais; utilização flexível de defesas e acesso a defesas maduras (altruísmo, humor, repressão, antecipação e sublimação);
- gestão do conflito interno em um nível simbólico verbal;
- capacidade de tolerar e integrar uma larga gama de afetos;
- nível elevado de tolerância à frustração e de estar à vontade com as necessidades de dependência.

E dos pseudorresilientes:

- processo psíquico dominante é a dissociação;
- sintomas somáticos e queixas físicas ocupam um lugar importante, sendo o corpo utilizado como um substituto dos processos psíquicos superiores;
- a existência de uma relação paradoxal à agressividade: os pseudorresilientes devem utilizar de maneira construtiva a agressividade dentro de situações socioprofissionais, enquanto a agressividade constitui uma ameaça importante para seu equilíbrio psíquico.

Os parâmetros de Guittard são evidentemente vinculados ao universo psicanalítico. Entrando em pauta os cenários intra e intersíquico (o campo da psicanálise), a questão de mera adaptação ao ambiente foi superada. Ou seja, parâmetros são referidos ao mundo intrapsíquico, indo além, portanto, do nível comportamental adaptativo.

Outras três características são observadas na resiliência: a aceitação não passiva da realidade, a crença no valor e no significado da vida e a habilidade para improvisar. Esta última aproxima-se do que o antropólogo francês Claude Lévi-Strauss denomina habilidade de *bricolage*, que é uma inventividade, uma capacidade de improvisar uma solução para um problema sem ter as ferramentas

apropriadas. Os *bricoleurs* estão sempre manipulando as coisas de forma lúdica.

Inventividade e criatividade são marcas de um processo que transcende a adaptação. Nelas, há uma reconfiguração de si mesmo, uma mudança de atitude diante da adversidade. A criatividade introduz um elemento lúdico que permite um distanciamento do real. Além disso, patenteia um eu ativo sobrepondo-se à eventual passividade na vigência do trauma. É exemplar o *insight* de Freud (1937/1975b) face ao curioso jogo realizado por seu neto de 1 ano e meio que atirava longe um carretel, mas o mantinha preso por um cordão, trazendo-o, em seguida, de volta, e acompanhando os movimentos esboçando as palavras *fort* (fora) e *da* (aqui). O jogo, fruto de sua experiência emocional com a ausência da mãe, ficou conhecido como o jogo do carretel e mostra um comportamento ativo do menino para lidar com as angústias provocadas pelo ambiente. Transformar o signo em símbolo não se refere a simples adaptação, mas sim a transformação. É uma atitude de superação.²

II

Cyrulnik (2004) aponta que a resposta resiliente contém:

- vínculo;
- sentido;
- ponto de inflexão (momento axial).

2 Compare-se esse uso do cordão com o exemplo de Winnicott de um menino obcecado por cordões, que vivia amarrando a mesa à cadeira, a almofada à lareira, mesas, cadeiras, ou o que encontrasse, chegando a amarrar o pescoço da irmã menor, o que será compreendido pelo autor como resultado de uma experiência traumática de separação da mãe (Winnicott, 1971).

Para haver resiliência, deve haver um *vínculo* significativo prévio, um objeto bom internalizado com base na existência do objeto bom real. Após o trauma ou adversidade, existe a necessidade de um tutor de resiliência. Depende-se não somente do fato externo, mas da interpretação que se dá ao fato. O *sentido* que se dá a um fato importa tanto quanto o fato propriamente dito. Já o *ponto de inflexão*, ou momento axial, é um imponderável momento de virada, em que o indivíduo reverte seu estado passivo diante de um evento e ativamente passa a apropriar-se de seu destino. É o movimento no qual o eu passa a assumir o comando de seu destino no contexto da adversidade, nos moldes descritos no jogo do carretel há pouco mencionado.

Ludwig van Beethoven, ao sentir o agravamento de sua surdez, escreveu uma carta testamento na qual falava em morrer, que nada mais tinha sentido, pois não podia ouvir nem o trinar dos pássaros, nem o ruído do vento nas folhas, nem a música, preciosidades maiores para ele – e sem isso não valeria a pena viver. Retirou-se à solidão e, após um tempo, retornava com sua *Sinfonia n. 3, a Heroica*, composta. Um ponto misterioso houve, da virada, que mudou completa e eternamente seu destino (Pearsall, 2003). Assim, o momento axial representa um momento crítico, no qual se dá algum tipo de mudança psíquica, com a consciência de poder e de haver escolha pessoal diante de algo. O sujeito reconfigura-se internamente; desesperança, depressão e paralisia dão lugar ao novo, à luta. Trata-se de uma mudança resiliente.

Compreendendo a resiliência *sensu latu*, Grotberg (2002, p. 20) a descreve como “a capacidade humana de enfrentar, sobrepor-se ou ser fortalecido ou transformado por experiências de adversidade”. Já para Rozenfeld (2012), a resiliência traz manifesto um processo psíquico que nos revela uma modalidade singular de enfrentar a adversidade, produto de um posicionamento subjetivo

do indivíduo diante do traumático do traumatismo sofrido (p. 23). A resiliência situa-se em um nível processual entre o interno e o externo, para Gutton (2006), em sintonia com a psicanálise.

O indivíduo foi de fato afetado, modificado, por um trauma ou adversidade, uma condição estressante; ele se verga, mas não sofre propriamente um *breakdown*, reverte a situação e a supera. Em nossa experiência clínica, pode até haver um *breakdown*, mas a reversão se dá com *restitutio ad integrum* e a experiência rende aprendizado e modificação com amadurecimento e crescimento emocional.

É esta forma antinômica, a condição de oximoro,³ que leva Cyrulnik a falar em *un merveilleux malheur* (uma maravilhosa desventura) (Cyrulnik, 2002). Para ele, os termos antinômicos se associam, opondo-se como duas vigas de telhado, que se sustentam por estarem erigidas umas contra as outras.

Aqui também se inscreve a frase de Viktor Frankl (1984/1963), apresentada em nossa epígrafe: “as forças do destino que ameaçam quebrar um indivíduo também têm a capacidade de habilitá-lo”.⁴ Vem exatamente nesse sentido a conhecida questão de Bion sobre *como tornar proveitoso um mau negócio*, a qual, para Grotstein (2007, pp. 128-129), se origina em experiências traumáticas da vida do próprio Bion. Grotstein acrescenta que ele, Bion, deve ter sofrido de estresse pós-traumático, e o vê “tentando experienciar espe-

3 Oximoro é uma figura de linguagem que reúne dois contrários, como “silêncio eloquente”, “maravilhosa dor” etc. Faz alusão ao conceito de recusa, ou de cisão de Freud. Contém a lógica do inconsciente, em que contrários coexistem. Zukerfeld e Zuckerfeld (2006, p. 25) apontam: “a riqueza desta figura retórica reside em ser um recurso habitual da poesia, aludindo a uma condição humana estrutural, que é como consideramos a cisão; não só como um mecanismo, mas também como uma condição do ser humano. Quer dizer que somos todos fetichistas e poetas”.

4 Tradução livre do autor.

rança sob sombra de terror intimidante e tentando tirar proveito de nossa agonia sublimada como instrumento analítico” (p. 129).

Isso nos remete a seu conceito de *mudança catastrófica* (Bion, 1967), que põe em evidência uma turbulência emocional relacionada com um processo de mudança que é sentida como catastrófica. Trata-se de uma mudança que ameaça o psiquismo, a avaliação que a pessoa faz de si mesma, que “ultraja seu sistema moral” (Armstrong, 1992). O conceito tem relação, na prática, com o momento axial dos estudos sobre resiliência, compreendendo a questão dentro de uma ótica profunda do funcionamento intrapsíquico.

Crises são, muitas vezes, o único acesso para a compreensão da realidade psíquica, e esse conceito de Bion “formaliza um conhecimento já antigo” (Ahumada, 1989). A palavra catástrofe, em Bion, aparece com seu significado primitivo de mudança evolutiva, bem como de elemento do desastre. Para ocorrer a mudança catastrófica, é necessária a utilização de capacidade negativa, que é a força necessária para se tolerar a turbulência emocional do não saber, das incertezas.⁵

Lembremos que em sua utilização inicial, no teatro grego, a catástrofe ocorria após a *peripateia*, que é o momento de reversão no drama trágico clássico, e se refere essencialmente a uma mudança total de visão, como quando os habitantes da caverna de Platão eram arrastados para fora, para a luz do sol. A luz é tão forte que cega e desorienta. O indivíduo sente como “morte” de um estado de mente existente, mas, de fato, é a verdade que alimenta a mente e promove seu crescimento (Williams, 2010, p. 44).

A experiência mostra que o enfrentamento das situações cria no indivíduo um incremento de sua empatia, altruísmo, compaixão

5 Para Meltzer, mudança catastrófica e transformação em O são a mesma coisa, trata-se somente de uma terminologia diferente (1978, vol. III, p. 87).

pelos outros, e mesmo interesse em conhecer mais de si mesmo, dos outros e do mundo (Grotberg, 2002). Ou, com Bion, cria um direcionamento do indivíduo do narcisismo em relação ao socialismo (Bion, 1971). Há amadurecimento do ego, uma reestruturação da personalidade.

Nesse sentido, na resiliência dá-se a criação de um círculo virtuoso, já que para ela existir há que se mobilizar recursos que, uma vez postos em ação no comportamento resiliente, estimulam elementos favorecedores de resiliência. O processo é dinâmico. As situações modificam e demandam a cada vez respostas novas. Há uma conjugação entre os fatores de risco e os de superação da adversidade.

III

Numa perspectiva psicanalítica, a resiliência pode ser correlacionada à capacidade egoica, no caso, *capacidade de metabolizar o trauma psicológico*.

O analista será por excelência o tutor de resiliência cuja função primeira é dar *continência* às angústias do paciente por meio de sua *rêverie*, que ilustra a capacidade materna de sonhar, transformar, metabolizar as produções psíquicas do bebê, tornando-as utilizáveis para ele (Bion, 1970). Seu aparelho de pensar os pensamentos é emprestado ao paciente, para que transforme seus elementos beta em alfa, rumo a uma autocontinência. De certo modo, por vezes, empresta seu ego ao paciente.

A continência do analista, de seu repertório onírico, desintoxica, propiciando a ressignificação de uma narrativa viciada, via de regra linear. Essa ressignificação cria um sentido (ou um novo sentido) diante do caos, sendo um importante vetor da resiliência.

A força egoica e a criatividade advêm da possibilidade de estabelecer elos entre os elementos internos, relações entre os objetos internos por meio de novos elementos introjetados e da capacidade amorosa desses objetos combinados.

Como a função metabolizadora da mente da mãe, contendo e devolvendo as ansiedades de aniquilação do bebê, de modo a ser possível a estruturação do espaço psíquico interno, o analista se depara com as descargas de elementos beta eventualmente relacionados a situações traumáticas, e oferece espaço de nidação para as identificações projetivas do paciente.

Meltzer e Williams (1994) apontam que “o desenvolvimento que ocorre durante um ciclo de vida tenta restaurar aquilo que havia sido despedaçado por não ter sido sustentado pelo frágil ego infantil” (p. 25). Esse papel restaurativo é fundamental em qualquer análise, tendo como função precípua o desenvolvimento da resiliência. Ogden (1995), com quem concordamos, enfatiza que a medida mais importante do processo analítico é a vitalidade do vínculo analítico, que possibilitará o trabalho das introjeções e projeções, explosões eventualmente psicóticas etc.

Symington (1983) destaca a importância da “realidade” do analista, sua espontaneidade e liberdade, e a necessidade de não se deixar estrangular por “caricaturas afetadas de neutralidade analítica”. A evolução da intimidade não intrusiva com o analista favorece a ampliação da intimidade do sujeito consigo mesmo, ensejando o contato com recursos pessoais a serem utilizados na vida. O interjogo de emoções no conjunto transferência-contratransferência necessita da presença viva, real, do analista, inclusive com suas próprias vulnerabilidades internas.

Característica do elemento traumático é a sensação de solidão, angustiante sensação de não poder se sentir acompanhado nem por si próprio. Se há o “sentir-se com”, na relação da dupla analítica,

e o paciente sentir-se “interiorizado” pelo analista, reverberado no mundo interno dele, isso ajuda na mudança dessa condição. Existir no mundo interno do outro, ser reconhecido, é elemento central na função de tutoria de resiliência.

Para alguns pacientes de funcionamento mental menos integrado, às vezes mais importante do que o conteúdo da compreensão que o analista oferece é o fato de ele ser compreendido, é o sentir-se compreendido, propriamente dito (Steiner, 1992). Também ressaltemos a proposição de Meltzer de que é mais importante nutrir os brotos do pensamento do que arrancar ervas daninhas do pensamento (em Nemas, 2008).

O desenvolvimento mental é gerado pela incorporação de um objeto bom, mas não exclui a presença de frustrações e ausência, como já propunham Freud em “Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental” (1911/1975c), Bion (1970) com a capacidade negativa, Dolto (1984/2001) com a castração simbólica.

IV

Winnicott via como básico para o trabalho analítico a capacidade de crer (consciente ou inconscientemente) na possibilidade de obter ajuda e confiar naquele que a oferecia (1968/1989, p. 299), inclusive para as pessoas que haviam sofrido privações e doenças psicossomáticas (Adams, 2007, p. 331). Isso é fundamental na análise e no desenvolvimento das condições resilientes.

Num lindo estudo, Gutton (2006, p. 237) lembra trabalhos apontando que “entre o pensamento de uma coisa que existe e a existência dessa coisa há um mundo que não é o mundo da representação, mas um *link* que se chama *crença*”, que vem a ser um ato

de pensar sobre o qual se edifica o sentimento de existir. A função analítica é facilitada se o analista for investido de crença, se for objeto de fé por parte do paciente, o que é diferente de idealização. Um xamã indígena, descreve-nos Lévi-Strauss (1949/1973), para exercer efetivamente sua função, necessita ser objeto de crença por parte da comunidade a que pertence.

A crença implica ligação entre o eu e um outro. É um movimento na direção inversa à solidão que se instalou na condição traumática. O primeiro produto de uma relação significativa e de intimidade, como a situação analítica, é se dispor contrariamente à solidão do trauma. A percepção que o paciente tem do analista é moldada pela situação transferencial, mas esta não esgota suas percepções, ou seja, a pessoa real do analista estará inevitavelmente presente na relação (Montagna, 2001).

Aspecto relevante de uma análise é a estabilidade do *setting*, a qual confere uma experiência positiva, caso tenha havido uma base insegura. Cyrulnik (2004), em *Os patinhos feios*, insiste que os indivíduos menos resilientes tiveram uma base de *attachment* mais insegura, dentro da concepção de Bowlby, do que os indivíduos mais resilientes.

Um real engajamento no processo analítico, como algo significativo para si, também é um fator relevante. Além disso, o engajamento em atividades grupais, numa inserção solidária, é outro fator positivo e encontrado frequentemente nos indivíduos resilientes. Outro importante fator resiliente, que usualmente se explicita logo na primeira entrevista, é a capacidade do indivíduo de atrair para si a vontade de ajudá-lo.⁶ É uma capacidade marcante, acompanhada pela capacidade de usufruir de uma interpretação. Outro fator que se repete na análise, nos indivíduos resilientes, é

6 Ver a primeira ilustração clínica.

o senso de humor. De modo geral, a questão é encontrar algum sentido nas situações de caos, ou, mais do que isso, libertar-se de determinadas narrativas e construir alternativas.

Gostaria de considerar imbricações de *luto* com resiliência que implicam questões relevantes à prática analítica. Freud, em “Luto e melancolia”, ensina que ambos são respostas à perda e envolvem “grave afastamento da atitude normal em relação à vida” (1914/1975d, p. 243). Em sua engenhosa releitura do artigo, Ogden sublinha a ideia de Freud da existência de uma ambivalência, embate entre o desejo de seguir vivendo e o de se encontrar com o morto. “Ódio e amor competem entre si (na melancolia), o primeiro busca separar a libido do objeto (permitindo assim que o objeto morra), o outro busca manter a posição de sua libido (que está ligada à versão interna imortal do objeto)” (2012, p. 256). Argumenta que isso traz a noção de que as relações internas inconscientes de objeto podem “ter tanto um atributo de vida e vivificador quanto de morte e mortífero” (2012, p. 58), *ou a combinação delas*. Aponta o pioneirismo de Winnicott (1971) e Green (1988) em lidar com a vitalidade e desvitalização do mundo interno do analista, e novamente refere nesse trabalho a importância ímpar do senso de vitalidade na relação analítica para avaliar o processo, a cada momento. Comenta, ainda:

Este mundo solipsista de um psicanalista teórico, que não está firmemente assentado na realidade de sua experiência viva com seus pacientes, é muito semelhante ao do melancólico, autoaprisionado, que sobrevive num mundo objetal interno atemporal e imortal, ainda que amortecido e moribundo. (Green, 1988, p. 59)

Resiliência e luto têm relações estreitas. O próprio trabalho de luto que nos leva a ultrapassar o traumatismo de uma perda pode ser visto como uma forma de resiliência. Ambos são processos dinâmicos, influenciados pelas relações anteriores e pelo significado conferido à perda ou ao trauma. O indivíduo pode suportar comportamentos agressivos ou mesmo cruéis se ele pensa (ou sabe) que a pessoa é doente e se tem suporte de alguma figura amiga.

V

Apresento duas ilustrações. A primeira mostra uma pessoa resiliente logo que buscou minha ajuda. Elementos de sua personalidade resiliente são expostos. Não discuto o trabalho que realizamos.

A segunda é uma pequena vinheta que exemplifica o fazer analítico como favorecedor da resiliência.

Noel

Um amigo com atividades filantrópicas telefonou-me indagando se eu atenderia uma situação emergencial de alguém a quem ele tentava amparar. Informou-me que, dada a situação, arcaria com as despesas de meu atendimento.

O paciente, Noel, havia nascido e crescido numa favela de uma cidade brasileira, epicentro de violência, tráfico de drogas e des-caso dos moradores por si mesmos e por seu entorno. Desleixo, sujeira jogada em qualquer lugar, ratos, violência faziam parte do cenário cotidiano do ambiente.

Graças a seus méritos pessoais e a uma boa estrutura familiar, Noel conseguiu estudar e tornou-se um musicista competente. Trabalhara na área artística, mas sua absorção comunitária transcendia às aspirações individuais. Por meio de suas ações numa organização não governamental, conseguiu mudanças significativas no entorno e o engajamento dos moradores com o *habitat* de todos. Foi presidente, querido, da associação de bairro criada. Fino jardimamento, ações educativas, trabalhos comunitários conferiram ao local dignidade e estética inusitadas, entusiasmando o grupo.

Tudo corria bem, até que traficantes de drogas, que tinham se afastado por necessidade, recuperaram o espaço e se reinstalaram no local. Passaram a pressionar Noel, exigindo que ele lhes confeccionasse carteiras de trabalho falsas da associação para eventuais encontros com a polícia. Negando-se, apesar das ameaças, Noel não cedeu. Intimidações e tensão aumentaram até que ele foi sequestrado, levado a um local conhecido como “abatedouro”, agredido, e, com revólver na cabeça, foi comunicado que tinha prazo de três dias para entregar as carteiras de trabalho ao grupo ou seria executado.

Não se tratava de sonho, mas de uma realidade atroz e cruenta. Resolveu não trair a si mesmo e a seus ideais. Evadiu-se. Passou a apresentar intensas angústias paranoides, ansiedade severa, insônia, pesadelos e, de início, alguns *flashbacks* e ideação paranoide. Duas semanas depois, chegou ao meu consultório.

Uma história como essa é raríssima num consultório psicanalítico, embora nem tanto em trabalhos sociais ou institucionais. Um homem ágil, no final de sua quinta década de vida, aparentemente pacato, me relata essa história altamente impactante. Minhas reações emocionais são diversas. Predomina a vontade de ajudá-lo, nem tanto pela história, mas pela pessoa que se apresenta diante de mim (isso é frequente no contato com um paciente resiliente).

Chama a atenção o fato de que, logo após “despejar” sua história, com intensidade, Noel estabelece no consultório algum grau de distanciamento com relação ao ocorrido. Observei que mantinha sua lucidez e capacidade de raciocinar. Meu trabalho inicial centrou-se em oferecer a ele um continente competente, e um espaço que viabilizasse a possibilidade de pensar sua vida.

Em nenhum momento procurou se vitimizar. No segundo encontro, nossa conversa o levou a perguntar-se de que serviria, em sua vida, a experiência que tivera, declarando que por vias tortas um novo horizonte lhe era aberto, ainda que sua vida até então fosse satisfatória. Vislumbrava a possibilidade de conhecer coisas novas na vida. Suas respostas são respostas resilientes. Importa valorizar a propriedade da eventual racionalização, e não a desqualificar.

Que fatores favoreceram sua resistência tão digna à situação? Ficou claro que, em sua integridade, parecia-lhe fundamental manter a coerência que sempre prezara na vida, manter-se fiel a seus princípios, sua história, a seus valores e, de certo modo, preservá-los para sua família.

Phillips (2008) propõe a existência de núcleos dentro de cada pessoa que contêm “*as coisas que não são passíveis de serem trocadas, em torno das quais não devemos negociar*”. São produtos de nossas crenças, fundamentos dos quais não abdicamos. Em função destes, Noel abandona uma vida passada, defendendo sua dignidade, integridade, propondo a si um caminho de liberdade. Sua disposição de continuar atuando em prol de comunidades não arrefeceu. Ao contrário, indagava-se como utilizar sua experiência para isso.

Ao longo do trabalho que tivemos ficava clara a existência de um mundo interno povoado consistentemente de objetos bons, destacando-se a confiança – não idealização, mas confiança – que pôde depositar em mim no estabelecimento de uma aliança de

trabalho. A experiência com esse paciente reafirmou algo que na experiência de vida e de consultório, em condições menos extremas, se configurava a cada dia: as situações traumáticas, ou traumatizantes (e, nesse caso, de altíssimo potencial traumatizante), são bifrontes. Conforme o ângulo de visão, permitem o fechamento do passado e a abertura de portas para o futuro, ou vice-versa.

Jonas

Jonas tem histórico de importantes privações durante uma vida de contrastes, agressões diversas e relação altamente conflitiva com a mãe, cujos maus-tratos lhe conferiram marcas profundas. Na análise, menções a ela eram esparsas, usualmente ligadas a privação ou solicitações exorbitantes.

Inicia uma sessão relatando o refluxo gastroesofágico de que sofre há bastante tempo, ultimamente exacerbado. De minha parte, nunca tinha ouvido nada a respeito. Conta que tem um gosto amargo na boca e afirma que a pesquisa endoscópica realizada na semana anterior não constatou nenhuma alteração morfoanatômica, e que isso trouxe a ele, sem dúvida, um conforto emocional. Sem questionar o fato de que nenhuma menção a esse transtorno, quem sabe psicossomático, tivesse sido feita anteriormente na análise, aguardo.

Na sequência, uma série de relatos inusitados ligados a situações potencialmente muito traumatizantes, de comportamentos da mãe, vieram à cena, num *jorro* de palavras que pareciam precisar serem ditas há muito tempo, mas que só agora podiam encontrar escoadouro.

A associação entre as duas falas foi para mim espontânea e imediata – uma sequência de jorros se apresentava, um deles relatado, somático, e outro percebido por mim auditivamente, as palavras

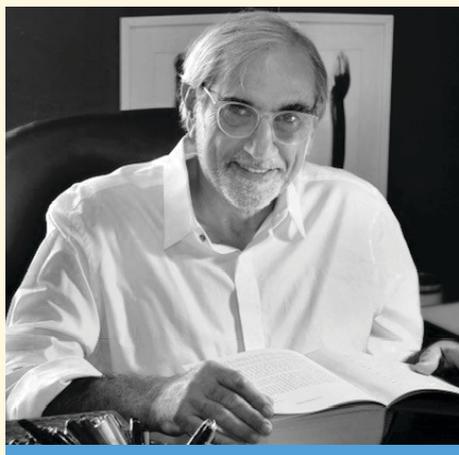
jorrrando. Tomei como um avanço, um progresso, a possibilidade que ele teve de “regurgitar” verbalmente as situações “entaladas” e traumatizantes relatadas, relacionadas à mãe. Tratava-se de uma efetiva regurgitação mental de elementos psiquicamente indigestos, há muito tempo estancados (dentro de si).

Uniam-se elementos psicofísicos, ou psicossomáticos, esta regurgitação verbal e o relato, no início da sessão, de efetiva regurgitação orgânica. Nada disso havia sido verbalizado anteriormente. Essa comparação entre as duas “regurgitações” possibilitou conversas de diferentes matizes a respeito do destino interno de suas vivências traumatizantes. O trabalho sobre o regurgitado permitiu uma recomposição, levando a uma reintrojeção de nutrientes não tóxicos. Um dos elementos resilientes do paciente foi o albergar (dentro de si) essa massa tóxica sem se desintegrar. Esse trabalho, que continuou nas sessões seguintes, propiciou a reorganização de suas vivências, permitindo um desenvolvimento inegável de sua relação consigo mesmo.

O vértice psicanalítico é tal que permite que a aparente contradição entre conhecimento e terapêutica se desfaça, à medida que a terapêutica psicanalítica se perfaz pelo mesmo instrumento que amplia o campo de conhecimento, que é o *insight*.

Referências

- Adams, J. (2007). *The language of Winnicott*. London: Karnac.
- Ahumada, J. (1989). On the limitations and the infiniteness of analysis. *International Review of Psychoanalysis*, 16, 297-304.
- Aktar, S. (2013). Resilience. In S. Aktar, *GoodStuff* (pp. 31-52). New York: Jason Aronson.



Plinio Montagna

Analista didata e ex-presidente da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) e da Associação Brasileira de Psicanálise, atual Federação Brasileira de Psicanálise (Febrapsi). *Chair* do Committee of Psychoanalysis and Law da International Psychoanalytical Association (IPA). Médico psiquiatra, mestre em psiquiatria e ex-docente da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP).

série

Escrita Psicanalítica



Coord. Marina Massi

PSICANÁLISE

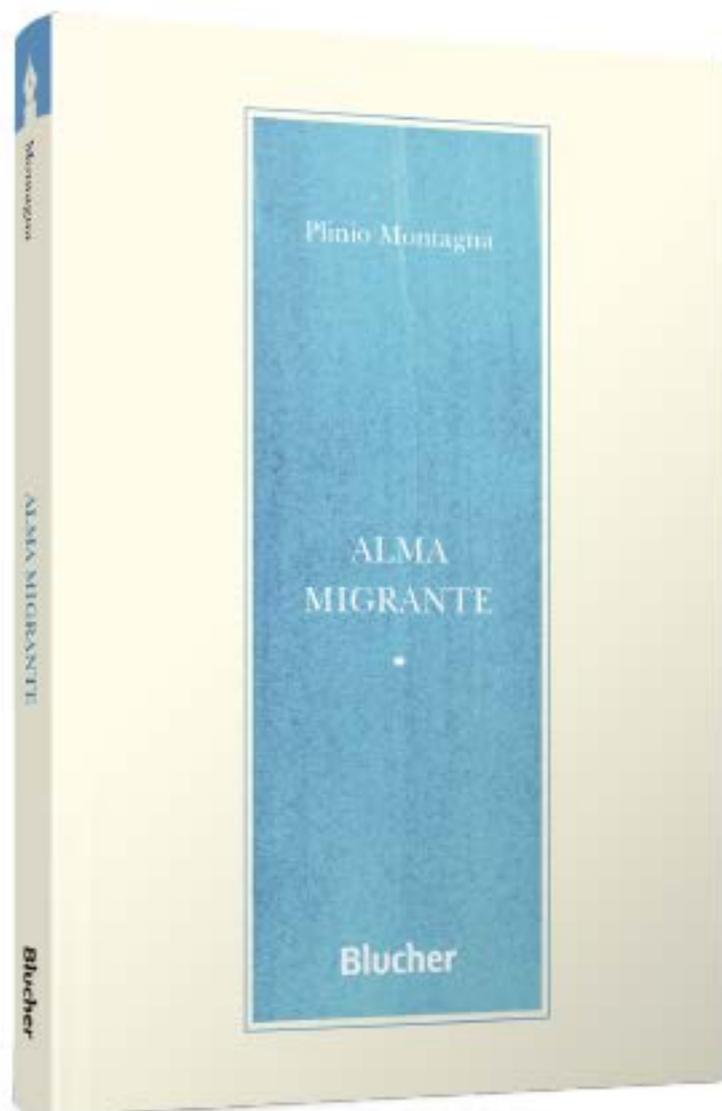
ISBN 978-85-212-1481-6



9 788521 214816

www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

VEJA NA LOJA

Alma Migrante

Plinio Montagna

ISBN: 9788521214816

Páginas: 398

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2019

Peso: 0.250 kg
